



Pinturas de Anselm Kiefer a partir do poema «Fuga da Morte» de Paul Célan

Desafio – «A Arte e a Barbárie. Da escrita à imagem»

Poemas sobre o Holocausto e sobre outras barbáries

PROJECTO
N.O.M.E.S.

Área Disciplinar de Artes Visuais

Agrupamento de Escolas da Maia – 2019/2020

Poemas/Textos de vítimas ou sobreviventes do Holocausto

FUGA DA MORTE [TODESFUGE]

Leite negro da madrugada bebemo-lo ao entardecer
bebemo-lo ao meio-dia e pela manhã bebemo-lo de noite
bebemos e bebemos
cavamos um túmulo nos ares aí não ficamos apertados
Na casa vive um homem que brinca com serpentes escreve
escreve ao anoitecer para a Alemanha os teus cabelos de oiro Margarete
escreve e põe-se à porta da casa e as estrelas brilham
assobia e vêm os seus cães
assobia e saem os seus judeus manda abrir uma vala na terra
ordena-nos agora toquem para começar a dança

Leite negro da madrugada bebemos-te de noite
bebemos-te pela manhã e ao meio-dia bebemos-te ao entardecer
bebemos e bebemos
Na casa vive um homem que brinca com serpentes escreve
escreve ao anoitecer para a Alemanha os teus cabelos de oiro Margarete
Os teus cabelos de cinza Sulamith cavamos um túmulo nos ares aí não ficamos apertados

Ele grita cavem mais fundo no reino da terra vocês aí e vocês outros cantem e toquem
leva a mão ao ferro que traz à cintura balança-o azuis são os seus olhos
enterrem as pás mais fundo vocês aí e vocês outros continuem a tocar para a dança

Leite negro da madrugada bebemos-te de noite
bebemos-te ao meio-dia e pela manhã bebemos-te ao entardecer
bebemos e bebemos
na casa vive um homem os teus cabelos de oiro Margarete
os teus cabelos de cinza Sulamith ele brinca com as serpentes

E grita toquem mais doce a música da morte a morte é um mestre que veio da Alemanha
grita arranquem tons mais escuros dos violinos depois feitos fumo subireis aos céus
e tereis um túmulo nas nuvens aí não ficamos apertados

Leite negro da madrugada bebemos-te de noite
bebemos-te ao meio-dia a morte é um mestre que veio da Alemanha
bebemos-te ao entardecer e pela manhã bebemos e bebemos
a morte é um mestre que veio da Alemanha azuis são os teus olhos
atinge-te com uma bala de chumbo acerta-te em cheio
na casa vive um homem os teus cabelos de oiro Margarete
atiça contra nós os seus cães oferece-nos um túmulo nos ares
brinca com as serpentes e sonha a morte é um mestre que veio da Alemanha
os teus cabelos de oiro Margarete
os teus cabelos de cinza Sulamith

Paul Celan, 1945.

Paul Celan, (1920-1970). Nasceu em Czernowitz (Bucovina, na Roménia) em 1920, de pais judeus-alemães. Em 1940, Czernowitz é ocupada pelos soviéticos e no ano seguinte pelas tropas alemãs e romenas. Em 1942, os seus pais são deportados para um campo de extermínio, onde morrem poucos meses depois. Apesar de ter sobrevivido ao Holocausto, Celan permaneceu preso, num campo de trabalho, até 1943, ano em que a Bucovina volta a ser tomada pelos soviéticos. Em 1945, parte para Bucareste onde se torna tradutor e leitor de uma editora e publica os seus primeiros poemas. Em dezembro de 1947, partirá para Viena, e um ano depois para Paris, onde se fixa. Em 1969, um ano antes da sua morte, visita Israel. Suicida-se no Sena, um ano depois.

PREFÁCIO EM PROSA

É a vocês que falo, homens dos antípodas,
Falo de homem para homem,
Com o pouco que em mim resta de homem,
Com o pouco de voz que me resta na garganta,
O meu sangue corre nas estradas, pudesse ele,
Não gritar vingança!

Chegará o dia, é certo, em que satisfeita a sede,
Estaremos além da memória,
A morte terá concluído a tarefa do ódio,
Eu serei um ramo de urtigas sob aos vossos pés,
Então, saibam que eu tinha um rosto
Como vocês. Uma boca que orava, como vocês.

Sim, fui um homem como os outros homens,
Alimentado de pão, de sonhos, de desespero. É verdade,
Amei, chorei, odiei, sofri,
Comprei flores e nem sempre,
Paguei o aluguer.

Como vocês li todos os jornais, todos os livros,
E não compreendi nada do mundo
E não compreendi nada do homem,
Ainda que muitas vezes tenha afirmado
O contrário.
E quando a morte, a morte veio, talvez
Tenha pretendido saber o que ela era, mas de verdade,
Posso dizer-vos neste momento,
Ela penetrou toda por meus olhos perplexos,
Perplexos de compreender tão pouco –
E vocês, teriam vocês compreendido melhor que eu?

E no entanto, não!
Eu não era um ser humano como vocês.
Vocês não nasceram nas estradas,
Ninguém atirou vossos filhos aos esgotos
Como gatos ainda cegos,
Vocês não erraram de cidade em cidade
Acossados pelas polícias,
Não conheceram desastres na madrugada,
Os vagões de animais
E o soluço amargo da humilhação
Acusados de um delito que não cometeram
De um assassinio em que falta o cadáver,
Mudando de nome e de rosto,
Para não carregar um nome que foi vaiado,
Um rosto que serviu a todo o mundo
De escarrador!

Chegará o dia, não duvido, quando o poema lido
Estará diante dos vossos olhos. Ele não pede
Nada! Esqueçam-no, esqueçam-no! É apenas
Um grito, que não pode ser contido num poema
Perfeito, acaso tive tempo de o terminar?

Mas quando vocês pisarem este ramos de urtigas,
Que eu fui, noutra século,
Numa história que para vocês estará ultrapassada,
Lembrem-se apenas que eu era inocente,
E que, tal como vocês, mortais desse dia,
Eu também tinha uma cara marcada
Pela cólera, pela piedade e pela alegria,

Uma cara humana, apenas!

Benjamin Fondane, 1944.

Benjamin Fondane (1898-1944), poeta e filósofo judeu nascido na Roménia, viveu na França e foi assassinado pelos nazis em Auschwitz. No dia 7 de Março de 1944, estando prisioneiro no campo de Drancy, perto de Paris, a sua esposa não judia conseguiu um meio para libertá-lo, porém Fondane não quis abandonar a sua irmã que estava com ele e juntos foram deportados para a morte.

SE ISTO É UM HOMEM

Vós que viveis tranquilos
Nas vossas casas aquecidas,
Vós que encontráis regressando à noite
Comida quente e rostos amigos:
Considerai se isto é um homem
Quem trabalha na lama
Quem não conhece a paz
Quem luta por meio pão
Quem morre por um sim ou por um não.
Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelo e sem nome
Sem mais força para recordar
Vazios os olhos e frio o regaço
Como uma rã no Inverno.
Meditai que isto aconteceu:
Recomendo-vos estas palavras.
Esculpi-as no vosso coração
Estando em casa, andando pela rua,
Ao deitar-vos e ao levantar-vos;
Repeti-as aos vossos filhos.
Ou que desmorone a vossa casa,
Que a doença vos entrave,
Que os vossos filhos vos virem a cara.

Primo Levi, 1947.

Primo Levi (1919-1987). Primo Levi nasceu em Turim, em 1919, e suicidou-se nessa cidade em 1987. Licenciado em Química, participou na Resistência, foi preso e internado no campo de concentração de Auschwitz. Notabilizou-se pela autoria de vários livros sobre a experiência naqueles campos – de que o livro *Se isto é um homem* é o exemplo mais célebre – assim como por contos e romances.

OS QUE SUCUMBEM E OS QUE SE SALVAM

«Ao meu regresso do cativeiro veio visitar-me um amigo mais velho que eu, suave e intransigente, cultor de uma religião pessoa, [...]. Estava contente por me reencontrar vivo e substancialmente ileso, talvez amadurecido e fortificado, e certamente enriquecido. Disse-me que o facto de eu ter sobrevivido não podia ser obra do acaso, de um acumular de circunstâncias afortunadas (como eu afirmava e ainda afirmo), mas sim da Providência. Eu era um assinalado, um eleito. [...]

Esta opinião pareceu-me monstruosa. Doeu-me como quando se toca um nervo descoberto, e reavivou a dúvida [...]: poderia estar vivo no lugar de outro, à custa de outro; poderia ter suplantado, ou seja, matada, de facto. Os que se «salvaram» do Lager [campo de concentração nazi] não foram os melhores, os predestinados ao bem, os portadores de uma mensagem: tudo o que vi e vivi demonstrava o exato contrário. Sobreviviam de preferência os piores, os egoístas, os violentos, os insensíveis, os colaboradores da «zona cinzenta», os bufos. Não era uma regra certa (nas coisas humanas não havia nem há regras certas) mas não deixava de ser uma regra. Sentia-me inocente, sim, mas arregimentado entre os que se salvaram, e por isso à procura permanente de uma justificação, perante os meus olhos e os dos outros. Sobreviviam os piores, isto é, os mais adaptados: os melhores morreram todos.

Morreu Chajim, relojoeiro de Cracóvia, judeu pio, que apesar das dificuldades de linguagem se esforçara por me entender e se fazer entender, e por me explicar a mim estrangeiro as regras essenciais de sobrevivência nos primeiros dias cruciais de cativeiro; morreu Szabó, o taciturno camponês húngaro, que tinha quase dois metros de altura e por isso tinha mais fome que os outros todos, e contudo, enquanto teve forças, não hesitou em ajudar os camaradas mais fracos a puxar e a empurrar; e Robert, professor na Sorbonne, que emanava coragem e confiança à sua volta, falava cinco línguas, que desgastava a registar tudo na sua memória prodigiosa, e se tivesse vivido responderia aos porquês a que eu não responder; e morreu Baruch, estivador do porto de Livorno, logo no primeiro dia, porque respondeu a soco ao primeiro soco que recebeu, e foi massacrado por três Kapos juntos. Estes, e inúmeros outros, morreram não apesar do seu valor, mas devido ao seu valor.»

Primo Levi, 1986.

Primo Levi (1919-1987). Primo Levi nasceu em Turim, em 1919, e suicidou-se nessa cidade em 1987. Licenciado em Química, participou na Resistência, foi preso e internado no campo de concentração de Auschwitz. Notabilizou-se pela autoria de vários livros sobre a experiência naqueles campos – de que o livro *Se isto é um homem* é o exemplo mais célebre – assim como por contos e romances.

PROCURAVA-TE NAS ESTRELAS

Procurava-te nas estrelas
quando em criança as interrogava.
Perguntei por ti às montanhas,
mas só me deram em poucas ocasiões
solidão e breve paz.
Porque faltavas, nas longas noites
cismeimei no disparate insensato
de que o mundo era um erro de Deus,
eu um erro do mundo.
E quando, diante da morte,
gritei que não com todas as fibras,
que ainda não terminara,
que tinha ainda muito a fazer,
foi por te ter à minha frente,
tu comigo ao lado, tal como hoje sucede,
um homem uma mulher sob o sol.
Voltei porque tu existias.

Primo Levi, 1946.

Primo Levi (1919-1987). Primo Levi nasceu em Turim, em 1919, e suicidou-se nessa cidade em 1987. Licenciado em Química, participou na Resistência, foi preso e internado no campo de concentração de Auschwitz. Notabilizou-se pela autoria de vários livros sobre a experiência naqueles campos – de que o livro *Se isto é um homem* é o exemplo mais célebre – assim como por contos e romances. Este poema foi dedicado por Primo Levi, em 11.02.1946, depois do regresso de Auschwitz, a Lucia Mopurgo, com quem se casaria no ano seguinte.

OS PERIGOS DA INDIFERENÇA

«Certamente que a indiferença é uma tentação; mais do que isso, a indiferença é sedutora. A indiferença reduz o outro a uma abstração.

Por detrás dos portões de Auschwitz, os prisioneiros mais trágicos eram os Muselmänner, como lhes chamavam. Enrolados em farrapos de mantas, sentados ou deitados no chão, olhavam fixamente o vazio, sem saber quem eram ou onde estavam - estranhos a tudo quanto os rodeava. Tinham deixado de sentir dor, de ter fome e sede. Nada recebiam. Estavam mortos e não sabiam.

A indiferença é mais perigosa do que a ira e o ódio. A ira pode ser criativa - pode permitir escrever um grande poema, uma sinfonia grandiosa. Mas a indiferença nunca é criativa. Não suscita reacção alguma. A indiferença não é um começo; é um fim.

Por isso, a indiferença é sempre aliada do inimigo, é sempre benéfica ao agressor, nunca à sua vítima, cuja dor é amplificada quando se sente esquecida.»

Eli Wiesel (Adaptado), "Os perigos da indiferença" in *Discursos que mudaram o mundo*, Difel, 2009.

Eli Wiesel (1928-2016). Nascido no seio de uma família judia na Roménia, Elie Wiesel era adolescente (15 anos) quando, juntamente com a família, foi empurrado para um vagão de carga e transportado, primeiro para o campo de extermínio, Auschwitz (onde lhe é tatuado o número A-7713), e, depois, para Buchenwald. No seu livro «Noite», apresenta um aterrador e íntimo relato sobre os horrores que passou, a morte dos pais e da irmã de apenas oito anos, e da perda da inocência a mãos bárbaras. Descrevendo com grande eloquência o assassinio de um povo, do ponto de vista de um sobrevivente, "Noite" faz parte dos mais pessoais e comovedores relatos sobre o Holocausto, e oferece uma perspetiva rara ao lado mais negro da natureza humana. Recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1986.

NOITE

«Nunca esquecerei aquela noite, a primeira noite no campo, que fez da minha vida uma noite longa e sete vezes aferrolhada. (...) Nunca mais esquecerei esse silêncio noturno que me privou para sempre do desejo de viver.»

«Da parte da tarde dispuseram-nos em filas. Três prisioneiros trouxeram uma mesa e instrumentos médicos. Com a manga do braço esquerdo levantada, cada um de nós devia passar em frente da mesa. Os três prisioneiros “veteranos”, com agulhas nas mãos, tatuaram-nos um número no braço esquerdo. Passei a ser o A-7713. Daí em diante já não tinha outro nome.»

«Alguns dias depois, fecharam o gabinete do dentista, que tinha sido metido na prisão. Ia ser enforcado. Tinha-se descoberto que ele traficava os dentes de ouro dos detidos em seu proveito próprio. Não sentia qualquer piedade em relação a ele. Estava mesmo muito contente com o que lhe acontecera: salvara a minha coroa de ouro. Um dia, ela poderia ser-me útil para comprar alguma coisa, o pão, a vida. Já só me interessava pelo meu prato de sopa quotidiano, pelo meu bocado de pão meio duro. O pão, a sopa – eram a minha vida. Eu era um corpo. Talvez menos do que isso: era um estômago esfomeado. Só o estômago sentia a passagem do tempo.»

«Um dia, quando voltávamos do trabalho, vimos três forcas montadas no local da chamada, três corvos pretos. Chamada. Os SS à nossa volta, as metralhadoras assestadas- a cerimónia tradicional. Três condenados acorrentados - e, no meio deles, o pequeno pipel, o anjo de olhos tristes.

Os SS pareciam estar mais preocupados, mais inquietos do que era costume. Enforcar uma criança diante de milhares de espetadores não era coisa de pouca monta. O chefe do campo leu o veredito. Todos os olhos se tinham fixado na criança. Estava lívido, quase calmo, mordendo os lábios. A sombra da forca cobria-o por completo.

O *Lagerkapo*, desta vez, recusou ser o carrasco. Três SS substituíram-no.

Os três condenados subiram ao mesmo tempo para cima das cadeiras. Os três pescoços foram introduzidos ao mesmo tempo nos nós corredios.

- Viva a liberdade! - gritaram os dois adultos.

O pequeno, esse mantinha-se, calado.

- Onde está o Bom Deus, onde está Ele? - perguntou alguém atrás de mim.

A um sinal do chefe do campo, as três cadeiras oscilaram.

Silêncio absoluto no campo. No horizonte, o sol punha-se.

- Tirem os chapéus! - berrou o chefe do campo. A sua voz era rouca. Quanto a nós, nós chorávamos.

- Tapem a cabeça!

Depois começou o desfile. Os dois adultos já estavam mortos. As suas línguas pendiam, inchadas, azuladas. Mas a terceira corda não estava imóvel: tão leve, a criança ainda estava viva...

Assim ficou durante mais meia hora, a lutar entre a vida e a morte, agonizando aos nossos olhos. E nós tínhamos de o encarar bem de frente. Ainda estava vivo quando passei diante dele. A sua língua ainda estava vermelha, os seus olhos ainda não estavam sem vida.

Atrás de mim, ouvi o mesmo homem a perguntar:

-Onde é que Deus está, então?

E eu sentia dentro de mim uma voz que lhe respondia:

-Onde é que ele está? Ei-lo- está aqui pendurado nesta forca...

Naquela noite, a sopa sabia a cadáver.»

Elie Wiesel, 1958.

Eli Wiesel (1928-2016). Nascido no seio de uma família judia na Roménia, Elie Wiesel era adolescente (15 anos) quando, juntamente com a família, foi empurrado para um vagão de carga e transportado, primeiro para o campo de extermínio, Auschwitz (onde lhe é tatuado o número A-7713), e, depois, para Buchenwald. No seu livro «Noite», apresenta um aterrador e íntimo relato sobre os horrores que passou, a morte dos pais e da irmã de apenas oito anos, e da perda da inocência a mãos bárbaras. Descrevendo com grande eloquência o assassinio de um povo, do ponto de vista de um sobrevivente, "Noite" faz parte dos mais pessoais e comovedores relatos sobre o Holocausto, e oferece uma perspetiva rara ao lado mais negro da natureza humana. Recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1986.

ESCRITO COM LÁPIS NUM VAGÃO FECHADO

Aqui neste vagão
sou Eva
com o meu filho Abel.
Se tu vires o meu outro
filho Caim, filho do homem,
diz-lhe que eu...

Dan Pagis, 1970.

Dan Pagis (1930-1986). Dan Pagis nasceu em Radautz, na região da Bucovina (como Paul Celan), na atual Roménia. Ainda adolescente, foi encerrado num campo de concentração nazi na Ucrânia, durante a Segunda Guerra Mundial, onde conseguiu sobreviver por meses até escapar em 1944, iniciando uma fuga pelos territórios em guerra até chegar à Palestina.

OH, AS CHAMINÉS

E quando esta minha pele tiver se consumido,
então, sem minha carne, contemplarei a Deus.

Jó

Oh, as chaminés
Sobre as moradas da morte, engenhosamente imaginadas,
Quando o corpo de Israel se elevou, desfeito em fumaça
Pelo ar –
Uma estrela, como limpador de chaminés, o acolheu
E enegreceu
Ou foi um raio de sol?

Oh, as chaminés!
Caminhos de liberdade para o pó de Jeremias e Jó –
Quem vos imaginou e construiu, pedra sobre pedra,
O caminho para os fugitivos-fumaça?

Oh, as moradas da morte,
Convidativamente arranjadas
Para o anfitrião, outrora hóspede –
Ó dedos,
Assentando o limiar da entrada,
Como faca entre a vida e a morte –

Ó chaminés,
Ó dedos,
E o corpo de Israel na fumaça, pelo ar!

Nelly Sachs, 1943-44.

Nelly Sachs (1891-1970). Exilada na Suécia, esta escritora de filiação judaica e língua alemã, nunca passou por um campo da morte, mas foi testemunha, ao longo de sete anos, do sofrimento do seu povo, arrastado para lugares de onde não havia regresso. Ela própria escapou à tangente: já a ordem de deportação havia sido emitida em seu nome quando os bons ofícios de Selma Lagerlöf, produziram os seus efeitos. Nelly, com quase cinquenta anos, foi autorizada a voar para Estocolmo com a sua mãe.

SEM DESTINO

«O que mais falta fazia no comboio era a água. Contando com tudo, as provisões pareciam suficientes para muito tempo; só que não tínhamos nada para beber, e isso acabou por tornar-se bastante desagradável. Os que já lá estavam avisaram-nos logo: a primeira sede desaparece rapidamente. Por fim, acabamos quase por esquecê-la: é então que ela surge de novo – só que, a partir daí, o esquecimento já se torna impossível, explicaram-nos. Seis, sete dias – afirmavam os entendidos –, é esse o período de tempo que, em caso de absoluta necessidade e contando já com o calor, se poderia passar sem água, partindo do princípio de que se era saudável, não se perdia muito suor e não se comia carne, nem condimentos. Por enquanto, animavam-nos – ainda há tempo; tudo dependia da duração da viagem, acrescentavam».

«Era a famosa hora característica – ainda agora, ainda li, eu a reconhecia –, a minha hora preferida no campo, e fui tomado por um sentimento agudo, doloroso e vão: a nostalgia. De súbito, tudo se animou em mim, estava ali tudo e acotovelavam-se, todas as atmosferas estranhas me surpreendia, fizeram-me tremer as pequenas lembranças. Sim, num certo sentido, lá, a vida era mais clara e mais simples. [...]

Mas não exageremos, porque o problema é esse: eu estou aqui e sei bem que aceito todos os argumentos, em troca de poder viver. Sim, olhando para esta modesta praça ao crepúsculo, esta rua batida pelos ventos e repleta de mil promessas, sinto já crescer, alargar-se em mim, esta disposição: continuarei a viver a minha vida sem saída. A minha mãe espera-me e ficará seguramente feliz por me ver, a pobre. Recordo-me, ela queria, antigamente, que eu fosse engenheiro, médico ou coisa do género. Tudo será, por certo, como ela desejou: não há absurdo que não se possa viver naturalmente, e, no meu caminho, já sei, espreita-me, qual armadilha inelutável, a felicidade. Pois também lá, entre as chaminés, nos intervalos do sofrimento algo se assemelhava à felicidade. Toda a gente me perguntava só pelas vicissitudes, pelos “horrores”: todavia, no que me diz respeito, é talvez essa a experiência mais memorável. Sim, é disso, da felicidade dos campos de concentração, que eu lhes falarei da próxima vez, quando me perguntarem.»

Imre Kertész, 1975.

Imre Kertész (1929-2016). Imre Kertész nasceu a 9 de Novembro de 1929, em Budapeste. Descendente de uma família judaica, foi deportado em 1944 para Auschwitz e Buchenwald, sendo libertado em 1945 pelas tropas norte-americanas e regressando como único sobrevivente de uma família inteira dizimada pelos nazis. De volta a Budapeste trabalhou de 1948 a 1951 como jornalista na publicação *Világosság*, do qual foi despedido quando o jornal passou a órgão do Partido Comunista Húngaro. Após ter cumprido serviço militar durante dois anos dedicou-se à escrita e à tradução para húngaro de autores alemães como Nietzsche, Hofmannsthal, Schnitzler, Freud e Wittgenstein, entre outros, o que influenciou fortemente a sua escrita. Escreveu ainda musicais e teatro de diversão. Durante cerca de 10 anos trabalhou no livro, *Sem Destino*, o seu primeiro romance. Ganhou o Prémio Nobel da Literatura em 2002.

DIÁRIO DE ETTY HILLESUM

«Nova certeza: que querem o nosso extermínio. Também isso eu aceito. Sei-o agora. Não vou incomodar outros com os meus medos, não vou ficar amargurada se outras pessoas não entenderem do que se trata, para nós, judeus. Esta certeza não vai ser corroída ou invalidada pela outra. Trabalho e vivo com a mesma convicção e acho a vida preta de sentido, cheia de sentido apesar de tudo, embora já não me atreva a dizer uma coisa dessas em grupo. O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as bolhas nos meus pés gastos e o jasmim atrás do quintal, as perseguições, as incontáveis violências gratuitas, tudo e tudo em mim é como se fosse uma forte unidade, e eu aceito tudo como uma unidade e começo a entender cada vez melhor, espontaneamente para mim, sem que ainda o consiga explicar a alguém, como é que as coisas são. Gostava de viver longamente para no fim, mais tarde, conseguir explicar, e se isso não me for dado, pois bem, nesse caso uma outra pessoa irá fazê-lo e então um outro continuará a viver a minha vida, ali onde a minha foi interrompida, e por isso tenho de viver a minha vida tão bem e tão completa e convincentemente quanto possível até ao meu derradeiro suspiro, para que o que vem a seguir a mim não precise de começar de novo nem tenha as mesmas dificuldades.»

«Cada dia já tem a sua conta. Vou ajudar-te Deus, a não me abandonares, apesar de eu não poder garantir nada com antecedência. Mas torna-se-me cada vez mais claro o seguinte: que tu não nos podes ajudar; que nós é que temos de te ajudar, e, ajudando-te, ajudamo-nos a nós próprios. E esta é a única coisa que podemos preservar nestes tempos, e também a única que importa: uma parte de ti em nós, Deus. E talvez possamos ajudar a pôr-te a descoberto nos corações atormentados de outros.»

Etty Hillesum. 1941-1943.

Etty Hillesum (1914-1943). Esther Hillesum foi uma jovem judia, escritora e estudiosa, cujos diários e cartas descrevem a vida em Amsterdão, durante a ocupação alemã. O seu diário é denso e rico de reflexões espirituais sobre a humanidade e a relação com Deus. Passou pelo campo de Westerbork e morreu em Auschwitz.

UM DIA ULTRAPASSAREMOS ESTA HORA

Um dia ultrapassaremos esta hora.
Um dia haverá aconchego para nós.
A esperança de novo florirá.
E a paz e o cuidado nos susterão.
O vaso das lágrimas quebrará
E à morte diremos:
«Silencia-te».

Ivo Leo Katz

Ivo Leo Katz (1932-1944). Uma das quinze mil crianças que passaram por Terezin, das quais só 100 sobreviveram. Foi aluno da artista e professora de arte Friedl Dicker-Brandeis, no campo de Terezin, perto de Praga.

EM CHAMAS

Está a arder, irmãos! Está a arder!
Oh, nossa pobre aldeia, irmãos, arde!
Ventos do mal, cheio de raiva,
Ira e devastação, esmagar e destruir;

Agora mais forte que as silvestres chamas crescem --
Tudo ao redor agora arde!
E você fica a olhar
Como um fútil, braços cruzados
E você fica a olhar --
Enquanto a nossa aldeia arde!

Está a arder, irmãos! Está a arder!
Oh, nossa pobre aldeia, irmãos, arde!
Logo as línguas de fogo raivoso
Consumirão cada casa inteira,
Como o vento sopra selvagem e uivos -
A cidade toda está em chamas!
E você fica a olhar
Como fútil, braços cruzados,
E você fica a olhar --

Enquanto a nossa aldeia arde!
Está a arder, irmãos! Nossa cidade está em chamas!
Oh, Deus me livre no momento em que chegam,
Que a nossa cidade, connosco, juntos,
Devem subir em cinzas e fogo,
Deixando quando o abate terminar
Carbonizado e as paredes vazias!
E você fica a olhar
Como fútil, braços cruzados,
E você fica a olhar --
Enquanto a nossa aldeia arde!

Está a arder, irmãos! Nossa cidade está em chamas!
Está em nossas mãos a sua salvação sozinho.
Se a nossa cidade é querida para você,
Pegue os baldes, apague o fogo!
Mostre que você sabe!
Não fique aí, irmãos, olhando
Como fútil, braços cruzados,
Não fique aí, irmãos, apague o fogo! --
Nossa pobre aldeia arde!

Mordechai Gebirtig, 1938.

Mordechai Gebirtig (1877-1942). Influente poeta e compositor Yiddish do período entre guerras. Foi morto por uma bala no Gueto de Cracóvia, na Polónia. Esta é uma das suas canções mais conhecidas – "S'brent", escrita em 1938, em resposta ao pogrom no shtetl (cidade pequena) de Przytyk, em 1936.

DIÁRIO DE ANNE FRANK

«Quarta-feira, 8 de julho de 1942

Querida Kitty:

Entre domingo de manhã e hoje foi como se se tivessem passado muitos anos. Aconteceram imensas coisas. É como se a Terra estivesse toda ela transformada. Contudo, Kitty, ainda estou viva, e isto é o principal. Sim, estou viva, mas não queiras saber de que maneira. É possível que hoje nem me entendesses, por isso, antes de mais nada, vou-te contar o que se passou.

Às três horas (Harry tinha saído naquele mesmo momento e queria voltar mais tarde) tocou a campainha. Eu não tinha ouvido nada porque estava, numa preguiça agradável, estendida na cadeira de repouso, a ler. Nisto entrou a Margot, toda excitada.

- Anne, recebemos uma convocação das SS para o pai – cochichou. – A mãe já foi ter com o Sr. Van Daan.

Senti um medo horrível. Uma convocação para o pai... Toda a gente sabe o que isto significa: campo de concentração... Vi surgir diante de mim celas solitárias para onde queriam levar o meu pai!»

Anne Frank, 1942.

Anne Frank (1929-1945). Anne Marie Frank nasceu em Frankfurt, Alemanha, no dia 12 de junho de 1929. Filha dos judeus, Otto Frank e de Edith Holländer Frank, em 1933, saiu da Alemanha com a família, para fugir das leis de Hitler contra os judeus, e emigrou para a Holanda, onde seu pai se tornou diretor administrativo de uma empresa que fabricava produtos para fazer geleia. Após a invasão da Holanda pelos nazis e o recebimento de notificações de deportação, na manhã do dia 6 de julho de 1942, a família mudou-se para o seu esconderijo, o Anexo Secreto. Em 13 de julho de 1942, os Frank aceitaram abrigar com eles a família van Pels, e em novembro do mesmo ano Fritz Pfeffer, um dentista e amigo da família. Na manhã de 4 de agosto de 1944, após uma denúncia que nunca foi identificada, o Anexo Secreto foi atacado e todos os seus elementos deportados. Anne acabaria por morrer no campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha, deixando escrito um diário, que foi publicado pelo seu pai, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz (Polónia), intitulado "O Diário de Anne Frank".

A BORBOLETA

A última, a última das últimas,
Tão intensa, brilhante, estonteantemente amarela.
Talvez se as lágrimas do sol cantassem
Sobre uma branca pedra.

Tanto, tanto amarelo
Alto levado levemente.
Assim se vai porque tenho a certeza que deseja
beijar o mundo com um a-deus.

Há sete semanas que vivo aqui,
Dentro deste gueto encurralado.
Mas descobri o que aqui amo,
Chamam-me os dentes-de-leão
E os braços da castanha branca.

Só mais nenhuma borboleta vi.
Aquela borboleta foi a última.
As borboletas não vivem aqui,
no gueto.

Pavel Friedman, morto em Auschwitz em 1944.

Pavel Friedman (1921-1944), Checoslováquia. Jovem porta judeu checoslovaco que viveu no Gueto de Theresienstadt, de onde foi deportado para Auschwitz.

Poemas de escritores portugueses sobre o Holocausto

AUSCHWITZ

há nomes que atravessam a vida: começam imprecisos e vão-se adensando, vão-se tornando mais claros, até reduzirem o lugar onde surgem a uma folha em branco. Há nomes que não trazem com eles outros nomes. Cheios de mal, do mal, exercem uma censura sobre todos os sorrisos, todos os gestos, todos os inícios. Geram o vidro no íntimo de um segredo. Escrever contra eles, apesar da sua lavra, fazê-los recuar, não para que desapareçam, mas para que deixem um rasto onde não se possam esconder. Porque. Porque isso é já o esboço de um sentido, o sinal da recusa. Mesmo que se não chegue. Mesmo que nunca.

Há nomes que são o contrário de um risco. Auschwitz, por exemplo. Têm a certeza de um relatório, a coerência de uma aritmética, a gramática de um argumento.

Um brilho

um brilho dói
na sua leitura.

Há nomes que não são formados de letras. São uma única letra. Insoletrável.

Não se respira. Perto deles. Neles. O ar é uma pedra.

Há nomes tão coesos que um cão esfomeado não consegue mordê-los.

Há nomes inalcançáveis por outros nomes. Quaisquer nomes. Por isso sobrevivem. E são as suas próprias metástases.

Explicá-los é alimentar-lhes continuamente a fome.

Só um rosto, esse, os poderá olhar. De frente.

esse rosto. De cinza.

Sem nome.

Só um rosto anónimo mata alguns nomes.

Rui Nunes, «Barro», 2012.

Rui Nunes (1947). Escritor português e professor de Filosofia, Rui Nunes licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Lisboa e enveredou pela atividade de escritor em paralelo com a de professor de Filosofia.

MINUTO DE SILÊNCIO EM BUCHENWALD

Este minuto não é da minha morte!

Respiro normalmente
mas vejo num relance anos desfeitos
na ferrugem de ciclos,
na corrosão da juventude; anos
passados em furor, no estremecer da teia;
longo itinerário de textos cifrados onde
as atropelam imagens
que transportam um tempo calcinado
em amargura. Dois camaradas avançam,
colocam
no solo
a homenagem dos poetas. Distingo
o ruído de botas
no ar cinzento que conduz à morte,
o zumbido em atalho de angústia
que partilhei, imaginando. Concentro-me
pois sei que um sorriso então me salvará
da obsessão. Não se tolera
esta descida; mantém-se
em só lamento, invocação
de palavras no rastro das algemas
que se sabem abertas. A memória da dor
não é a dor; assim a reconheço
no decepar do grito mais claro
que a esperança criou há trinta anos
ao renascer as ruas num rio de alegria.
Em torno da torre,
ondas de névoa rasgadas de fantasmas
simulam o mármore do isolamento. Penso
em Abril - um ano; e pude
estar aqui! - um ano; e pude
estar aqui! Ter vivido! Chegado
ao solene minuto
numa linha de bétulas,
para verter a emoção que deixo
- neste instante de silêncio -
livremente rolar no chão sagrado
se Buchenwald.

Egito Gonçalves, 1975.

Egito Gonçalves (1920-2001). Poeta, editor e tradutor português.

TOTENBUCH

Com horror

haveríamos de encontrar o círculo negro da história,
o arquivo inabitável, irrespirável.

É amoral o gesto de quem regista,
assinala óbitos, assepsias, extermínios.

Um forno não é um forno
e um chuveiro não é mais um chuveiro.

O funcionário que regista tem
por dedos lâminas rombas.

Desenha com método. Anota com desvelo.

Luís Quintais, *Depois da Música* (Tinta da China, 2013), p. 28.

Luís Quintais (1968). Antropólogo, poeta e ensaísta, lecciona no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Como antropólogo tem publicado ensaios em diversas revistas da especialidade sobre as implicações sociais e culturais do conhecimento biomédico, em particular sobre a psiquiatria e seus contextos.

REQUIEM POR AUSCHWITZ

São um requiem por Auschwitz os dedinhos de uma criança
trilhados na porta de um vagão.

Os mortos de Auschwitz
Pedem um requiem
Enquanto plantam flores ao longo dos caminhos.

A Cruz Vermelha comunicou a morte de Etty Hillesum a 15 de Setembro de 1943
O calendário mundial esburacou-se.

Não tiveram direito nem aos calhaus
Sobre a pedra do Túmulo
As mães mais sós do mundo
As mães que não vimos
E por isso falamos na sua vez.

Mães sem vida
Encalhadas as faces nos lugares impuros
Mães da desolação maior do mundo
A chorarem atrás dos muros com arame farpado
Farpas no meu coração.

Isabel Aguiar, 2014.

MAIER ISRAEL KARAS

Encontrei-te no subterrâneo
desta melopeia, na periferia de bosques
verde-azulados
como os que contornam
as cidades de leste,
com suas árvores retorcidas
e assombradas, um musgo sombrio
que pressagia o norte.
O único calor vem do tijolo ocre
que interrompe a paisagem
no acaso de haver invernos e metais
com que arrefecer a carne, a luz.

Durante a infância acreditei
na banalidade do bem. O bem banal
foi a mais poderosa crença
da minha infância.
Do mal – puno-me por isso
– esperei que fosse o desvio accidental
da crueldade,
esperei que fosse a ínfima porção
de veneno que tornasse certos homens,
passados muitos anos,
imunes ao medo e à infâmia.

Penso no teu rosto
e não me ocorre a beleza branca
cujo sangue contrasta a morte.
Ocorre-me o homem sem esplendor:
o instante esmaecido da sua única
possibilidade.

Penso em rios castanhos,
em pássaros negros de um negro
irrepreensível. Puno-me por isso.
Penso no cervídeo morto
na berma da estrada,
na fronteira do bosque
verde-azulado. Depois veio o lugar
dos tijolos, a mornidão da morte
no teu estrabismo
sem expressividade.
És o homem possível,
vinte e seis mil e trezentos.

Agora sei a banalidade do mal.
Regresso ocre, por entre bosques
verde-azulados, à verdade incerta
de ser eu e de haver
alguma razão
para isso.
Chamei-lhe vida,
por amor ao que se diz sem convicção.

José Rui Teixeira, 2019.

José Rui Teixeira (1974). Estudou Teologia [licenciatura] na Universidade Católica Portuguesa e Filosofia [mestrado] na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se doutorou em Literaturas e Culturas Românicas.

Poemas/textos sobre barbáries atuais

TOQUE DE RECOLHER

A nossa cidade é uma cela
Os rostos das crianças
Substituem
Vasos de flores nos
Peitorais das janelas.
E nós esperamos.

Nos nossos bares
De tédio
Nós entramos
Numa corrida de cuspe
Aquele que cuspir
Mais além
É o mais livre.

Olhamos para o céu
Semicerrando as nossas perguntas.

Nós transformamos o sol
Num papagaio (de papel)
Seguramo-lo com um raio
Até que se rasgue
Dentro do horizonte.

E a luz é
Arrancada do chão
uma página de uma história de dormir
Que nós não entendemos.

As nossas perguntas permanecem
Fermento
Dentro dos nossos peitos,
Subindo.

Ibtisam Barakat, tradução de Sérgio Ninguém (Revista *Eufeme*, n.º 12).

Ibtisam Barakat, Palestina. Poeta, tradutora, artista e educadora. Nascceu em Beit Hanina, Jerusalém Oriental, e cresceu em Ramallah, na Palestina. Emigrou para os EUA para estagiar na revista *The Nation*, em Nova York, e para estudos de pós-graduação. Ensinou ética linguística no Stephens College. É autora de numerosos poemas, ensaios, canções, fez uma palestra no TEDx sobre a sua paixão pela linguagem e seis livros em inglês e árabe, incluindo as memórias internacionais *Tasting the Sky, A Palestinian Childhood* (traduzida em diversos idiomas incluindo o Espanhol, Francês e Holandês) e *Balcony on the Moon, Coming of Age in Palestine*. Estas memórias ganharam mais de trinta prémios e menções honrosas. Seu trabalho centra-se na assistência e ajuda de injustiças sociais, especialmente na vida dos jovens.

O DILÚVIO E A ÁRVORE

Quando a tempestade satânica chegou e se espalhou
No dia do dilúvio negro lançado
Sobre a boa terra verdejante
“Eles” contemplaram.
Os céus ocidentais ressoaram com explicações de regozijo:
“A Árvore caiu!
O grande tronco está esmagado! O dilúvio deixou a Árvore sem vida!”
Caiu realmente a Árvore?
Nunca! Nem com os nossos rios vermelhos correndo para sempre,
Nem enquanto o vinho dos nossos membros despedaçados
Saciar nossas raízes sequiosas
Raízes árabes vivas
Penetrando profundamente na terra.
Quando a Árvore se erguer, os ramos
Vão florir verdes e viçosos ao sol
O riso da Árvore desfolhará
Debaixo do sol
E os pássaros voltarão
Sim, os pássaros voltarão
Com certeza voltarão.

Fadwa Tuqan

Fadwa Tuqan (1917-2003), Palestina. O conflito israelo-palestino deriva da divisão da Palestina em dois blocos, os árabes e os judeus, por decisão da ONU, em 1948, após a criação do Estado de Israel. A situação agudizou-se a partir da Guerra dos Seis dias, em 1967, devido à anexação por Israel de territórios da Síria e da Jordânia e do reforço desta atitude, quando, a partir de 1973, oficializou a ocupação da Palestina com os colonatos que por lá vai estabelecendo. Este poema foi escrito na sequência da Guerra de 1967 e é um grito de afirmação de que, a despeito de todas as adversidades, o povo palestino resiste e não desiste.

MORTE POR ENTERRAMENTO

Este local não é
Próprio para plantar.
Aqui a terra é
Dura, seca, irritante -
Aglulhas de folhas mortas
Arranham.
Fecho os olhos, o pó
Sufoca-me a garganta,
Nunca pensei que a terra
Pudesse ser tão pesada,
Talvez se eu
Levantar um braço
Alguém venha atravessar
Um dia a minha sepultura e,
Como nas noites dos filmes de terror,
Veja uma mão sem vida, uma palma aberta.
Dedos meio enrolados...
E grite.
Eu não morri nesse dia -
Outra coisa sucedeu
E ainda permanece
Na sepultura pútrida
Fermentando o conhecimento das trevas.

Hanan Ashrawi

Hanan Ashrawi (1946), Palestina. Filha de uma família cristã, o pai, um médico ortodoxo, e um dos fundadores da OLP, e a mãe, uma feminista anglicana. Licenciou-se em Literatura na Universidade Americana de Beirute, mas depois da Guerra dos Seis Dias foi impedida de regressar à Cisjordânia. É autora de diversas obras sobre literatura e, pelas suas atividades em prol da democracia e dos direitos humanos, recebeu numerosos prémios. Neste poema, alude-se aos acontecimentos de fevereiro de 1988, quando soldados israelitas enterraram vivos quatro jovens palestinianos da aldeia de Salim, perto de Nablus. Depois dos soldados partirem, os aldeões escavaram as sepulturas e conseguiram resgatá-los com vida.

CONFIDÊNCIAS CENSURADAS

«Era o mais novo dos prisioneiros. Os guardas torturavam-me. Pensavam que por ser jovem iria confessar o que me pediam, mas como poderia fazê-lo, se não sabia porque estava preso?

Fiquei na prisão durante quatro anos, sozinho, era como estar numa sepultura. Os guardas traziam-me comida, que entregavam através de uma janela minúscula, três vezes por dia. Estava autorizado a ir à casa de banho duas vezes, em 24 horas.

Senti-me completamente sozinho... a Poesia deu-me esperança...»

Tsegay Mehari

Tsegay Mehari, Eritreia. Nasceu em Knn, uma pequena aldeia no sul da Eritreia, tendo-se formado em Literatura (poesia e drama) e em Jornalismo. Escreveu poemas, artigos e crónicas em jornais, rádio e TV, de 2003 a 2009, ano em que foi detido, juntamente com outros artistas e jornalistas. Foi exatamente, durante os quatro anos em que esteve preso, que escreveu mais de 150 poemas, em papel higiénico. Atualmente, o escritor vive na Suécia, onde está refugiado.

EU SOU MALALA

«Quando fecho os olhos, vejo o meu quarto. A cama está por fazer, e o cobertor fofinho todo enrodilhado, porque saí para a escola a correr, atrasada para um exame. O calendário escolar, sobre a secretária, está aberto na página do dia 9 de outubro de 2012. O meu uniforme – *shalwar* branco e *kamiz* azul – está pendurado num gancho de parede, à minha espera. [...] Saí dessa casa adorada no Paquistão numa manhã, fazendo tenções de voltar a enfiar-me debaixo dos lençóis assim que chegasse da escola, e vim parar a um mundo tão distante. [...]

la ter exame de Estudos Paquistaneses. [...] Engoli um bocado de ovo estrelado e de *chapati* com o chá. O meu irmão mais novo, que se chama Atal, estava com uma disposição particularmente atrevida naquela manhã: estava a queixar-se de toda a atenção de que eu era alvo por defender que as raparigas devem ter a mesma educação que os rapazes. O meu pai resolveu meter-se com ele à mesa do pequeno-almoço.

– Um dia, quando a Malala for primeira-ministra, podes ser secretário dela. [...]

O percurso até à escola foi rápido, apenas cinco minutos estrada acima, ao longo do rio. Cheguei a tempo e o dia do exame passou-se como habitualmente. [...] Quando o dia de escola chegou ao fim, sentia-me cansada mas satisfeita; sabia que me tinha saído bem no exame. [...]

– Vamos antes na segunda volta – disse a Moniba, a minha melhor amiga. – Assim, podemos ficar aqui mais um bocadinho a conversar. [...]

Durante dias, eu tinha andado a ser assaltada por uma sensação estranha, inquietante, de que ia acontecer algo de mau. [...]

Ora, naquele preciso momento, eu sabia que o exame me tinha corrido muito bem. Fosse qual fosse a nuvem escura que andara a pairar sobre a minha cabeça, tinha-se dissipado. E, assim sendo, a Moniba e eu fizemos o que fazíamos sempre: dedicámo-nos a uma boa dose de tagarelice e mexericos. [...]

Quando ouvimos a chamada para a carrinha, descemos os degraus a correr. Como era habitual, a Moniba e as outras raparigas cobriram os cabelos e a cara antes de atravessarmos o portão e sairmos para a rua, ao encontro da *dyna*, a carrinha de caixa aberta, branca, que era a nossa «carrinha escolar». [...]

Logo depois de deixarmos para trás a fábrica de *snacks* Little Giants, e de termos feito a curva a cerca de três minutos da minha casa, a carrinha abrandou até parar. Lá fora, a rua estava estranhamente silenciosa.

– Está tudo tão calmo, hoje – disse eu à Moniba. – Onde é que se meteram as pessoas?

Não me lembro de nada a partir daqui, mas esta é a história que me foi contada:

Dois jovens vestidos de branco meteram-se à frente da carrinha.

– Esta é a carrinha da Escola Khushal? – perguntou um deles.

O motorista riu. O nome da escola estava pintado em letras pretas na parte lateral do veículo.

O outro jovem içou-se na parte de trás da carrinha e inclinou-se sobre o taipal rebatível, olhando para nós.

– Quem é a Malala? – perguntou.

Ninguém disse uma palavra, mas umas quantas raparigas olharam na minha direção. Ele levantou uma arma e apontou-a para mim. Algumas raparigas gritaram e eu apertei a mão da Moniba.

Quem é a Malala? Eu sou a Malala e esta é a minha história.»

Malala Yousafzai, «Eu sou Malala. Esta é a minha história», Lisboa: Ed. Presença, 2015.

Malala Yousafzai (1997), Paquistão. Cofundadora e membro da administração da Fundação Malala. Ela iniciou a sua campanha pela educação aos onze anos, quando fez um blogue anónimo para a BBC Urdu, acerca da vida durante o regime Talibã no vale do Suat, no Paquistão. Inspirada pelo ativismo do seu pai, Malala começou a defender publicamente a educação das raparigas, atraindo a atenção dos órgãos de comunicação social internacionais e vários prémios internacionais. Aos quinze anos, foi atacada pelos talibãs por falar publicamente. Malala recuperou no Reino Unido, e continuou a sua luta pelas raparigas. Em 2014, recebeu o Prémio Nobel da Paz como reconhecimento pelo seu esforço para fazer com que todas as raparigas concluam doze anos de educação gratuita, segura e de qualidade.

UIVEI DIANTE DAS BALAS

Uivei diante das balas

Elas não se transformam em farinha, pai

Chamei às bombas pombas

Então as paredes pulverizaram o meu corpo

O meu sangue correu sobre uma erva

A erva transformou-se no cutelo

Que corta a garganta da borboleta

Tu tinhas prometido não degolar o casal de pombas

Tu brincavas para que eu adormecesse sobre um pêssego

O pêssego transformou-se no crânio do meu irmão

As pombas foram degoladas

Tu querias uma língua de paz, mãe

As gentes de paz conseguiram dormir?

Fadwa Souleiman, in «Voix Vives of Mediterranean in Mediterranean», Edições Bruno Doucey, Paris (Tradução de Maria João Cantinho para a revista Caliban).

Fadwa Souleiman (1970 – 2017), Síria. Escritora, ativista e atriz nascida em Aleppo, mas que cedo se mudou para Damasco, atravessando a pé a fronteira da Síria para a Jordânia, sem papéis, banida pela sua família, pertencente à comunidade alauíta e que nunca deixou de apoiar o ditador sírio. Foi forçada a abandonar o filho, que permaneceu com o pai (primeiro marido) porque não podia levá-lo consigo. Foi de rosto descoberto que a atriz síria Fadwa Suleiman surgiu em 2011, no início da contestação a Bashar al-Assad, tornando-se símbolo da revolução apesar de pertencer à minoria alauíta, como o ditador. Exilou-se em França quando o regime procurou capturá-la na cidade de Homs, sem deixar de contestar Assad até ao fim, ainda que debilitada pelo cancro que lhe provocou a morte, aos 47 anos, nos arredores de Paris.

EU QUERO SER

Sou um intruso,
um intruso na literatura.
Um intruso na linguagem, no amor, na cor, no perfume e na música...
um intruso para a plenitude da vida.
Estou a regressar de uma ausência profunda para uma melancolia
na qual não quero acreditar.
Sou transportado por ondas de nostalgia...
Uma gaivota guia-me para algumas das minhas memórias, depois voa...
Desaparece ...
Uma onda de desespero lança-me para um porto distante.
Esfrego o sal dos meus olhos tentando acreditar que estou aqui
suspirando sozinho na rocha do exílio ...
Esculpi um pouco da minha ironia ...
Amaldiçoo o chão por um tempo, e resolvo partir ...
Abro o meu coração aos meus falsos sonhos ...
Tento, como um idiota, apanhar um pouco de ar ...
Pareço um ladrão aos olhos de estranhos enquanto recupero
da minha vida sequestrada ...
Pareço-lhes um criminoso, enquanto grito ao vento:
Eu quero ser!

Zakaria Sabbagh, Agosto 2016, Lesbos – Grécia.

Zakaria Sabbagh, Síria. Em 2016, ainda estava num campo de refugiados na ilha de Lesbos, Grécia, depois de ter feito a travessia do mar Egeu num barco sobrelotado.

NÃO COBRI O CORPO DA MINHA MÃE

«Não cobri o corpo da minha mãe com o seu pano. Não havia ninguém lá para cobri-lo. Os assassinos puderam ficar um bom tempo diante do cadáver mutilado por facões. As hienas e os cachorros, embriagados de sangue humano, alimentaram-se com a carne dela. Os pobres restos de minha mãe perderam-se na pestilência da vala comum do genocídio, e talvez hoje, mas isso não saberia dizer, eles sejam, na confusão de um ossuário, apenas osso sobre osso e crânio sobre crânio.

Mãezinha, eu não estava lá para cobrir o seu corpo, e tenho apenas palavras – palavras de uma língua que você não entendia – para realizar aquilo que você me pediu. E estou sozinha com minhas pobres palavras e com minhas frases, na página do caderno, tecendo e retecendo a mortalha do seu corpo ausente.»

Scholastique Mukasonga, «A mulher de pés descalços», São Paulo, Nós, 2017.

Scholastique Mukasonga (1956), Ruanda. Pertencente à etnia tutsi, Scholastique foi atingida pessoalmente pelo genocídio de Ruanda, em 1994; seus pais, irmãos e sobrinhos, 37 pessoas ao todo, foram assassinados. Ela já vivia na França há dois anos quando o drama aconteceu, mas carrega esse duro passado na sua própria trajetória literária. Não tendo presenciado o extermínio dos tutsis, ela tenta dissecar a história e as raízes que levaram à perseguição e morte de 800 mil pessoas, em 1994.

E AGORA PERGUNTO: VOCÊ VAI PRESTAR TESTEMUNHO?

Eles dão-me o microfone enquanto os meus ombros afundam sob o peso desta tensão.
A mulher diz: "Um milhão de refugiados saem do Sudão do Sul. Pode comentar?"
Sinto os meus pés para a frente e para trás com os sapatos que a minha mãe comprou,
implorando a pergunta: ficamos, ou é mais seguro ir embora?
A minha mente ecoa os números: um milhão partiram,
2 milhões desabrigados, 400 mil mortos em Darfur.
E um nó forma-se na minha garganta,
como se cada um desses corpos tivesse encontrado um túmulo
bem aqui no meu esófago.
Nosso antigo país, todo norte, sul, leste e oeste,
tão agitado que nem o Nilo poderia manter-nos juntos,
e você pede-me para resumir.
Falam sobre números, como se nada mais estivesse a acontecer,
como se 500 mil não tivessem acabado de morrer na Síria,
como se 3 mil não estivessem mais tendo o seu descanso final
no fundo do Mediterrâneo.
Como se não houvesse livros inteiros com informações sobre os nossos genocídios,
e agora querem que eu escreva um.
Facto: nunca falávamos durante o café da manhã,
porque os aviões de guerra engoliam as nossas vozes.
Facto: o meu avô não queria sair de casa, então morreu numa zona de guerra.
Facto: um arbusto ardente sem Deus é apenas fogo.
Avalio a distância entre o que sei e o que é seguro dizer num microfone.
Falo sobre tristeza? Deslocamento?
Menciono a violência,
como nunca é tão simples como o que você vê na TV,
como há semanas de medo antes que a câmara seja ligada?
Falo sobre os nossos corpos, como são 60% de água,
mas ainda queimamos como madeira, fazendo combustível do nosso sacrifício?
Digo que os homens morreram primeiro, as mães obrigadas a assistir ao massacre?
Que vieram pelas nossas crianças,
espalhando-as através do continente até que as nossas casas afundaram?
Que mesmo os castelos se afundam na mordida da bomba?
Falo sobre os idosos, nossos heróis,
muito fracos para correr, muito caros para atirar,
como iriam fazê-los andar, mãos levantadas, espingardas nas suas costas, para o fogo?
Como suas bengalas mantiveram as chamas vivas?
É muito duro para um feixe de fios e uma plateia engolir.
Muito implacável,
como o vale preenchido com a fumaça pútrida das nossas mortes.
É melhor em verso?
Pode uma estrofe se transformar num sudário do enterro?
Vai doer menos se eu falar suavemente?
Se não me virem a chorar, você vai ouvir melhor?
A dor vai embora quando o microfone for?
Por que cada palavra é como se fosse a minha última?
Trinta segundos para a frase de efeito, e agora três minutos para o poema.
A minha língua seca igual quando morremos, virando cinzas, nunca tendo sido carvão.
Sinto a minha perna esquerda ficar dormente, e percebo que travei os meus joelhos,
Preparando-me para o impacto.
Nunca uso sapatos que não sirvam para correr.

Emtithal Mahmoud

Emtithal Mahmoud, Sudão. Poetisa e ativista da paz, nasceu em Darfur e mudou-se com a sua família para o Líbano quando ainda era pequena e depois para os EUA, em 1998. Como poetisa, oradora e ativista, Mahmoud apresenta poesia para consciencializar e ajudar a combater o genocídio em Darfur.

A GUERRA NUNCA PARTIU

- Não vá que é perigoso!

Me virei: era minha mãe. Ou seria, antes, a visão dela. Pois ela já há muito passara a fronteira da vida, para além do nunca mais. Naquele momento, porém, ela surgia das folhagens, envolta em seus panos escuros, seus habituais. Não me saudou, simplesmente me orientou para junto do meu abrigo. Ali se sentou, aconchegando-se na capulana. Fiquei mudo e miúdo, à espera. Se temos voz é para vazar sentimento. Contudo, sentimento demasiado nos rouba a voz. Agora, que ela transitara de estado, eu acedia, completo, às vistas dela.

- Como é, filho: vive no lugar dos bichos?

Devolvi pergunta com pergunta:

- Há lugar, hoje, que não seja de bichos?

Ela sorriu, triste. Podia ter respondido: há, onde eu venho é lugar de gente. Porém, ela permaneceu calada. Rodou pelos arbustos e desfez folhinhas entre os dedos. Apurava perfumes e levava-os lentamente junto ao rosto. Matava saudades dos cheiros.

- A guerra já chegou outra vez, mãe?

- A guerra nunca partiu, filho. As guerras são como as estações do ano: ficam suspensas, a amadurecer no ódio da gente miúda.

- E a mãe anda a fazer o quê por essas bandas?

Eu queria saber se tinha terminado sua tarefa de morrer. Ela explicou-se, lenta e longa. Andava com uma bilha a recolher as lágrimas de todas as mães do mundo. Queria fazer um mar só delas. Não responda com esse sorriso, você que não sabe o serviço do choro. O que faz a lágrima? A lágrima nos universa, nela regressamos ao primeiro início. Aquela gotinha é, em nós, o umbigo do mundo. A lágrima plagia o oceano. Pensava ela por outras, quase nenhuma, palavras. E suspirou:

- Haja Deus!

Mia Couto, in «O Último Voo do Flamingo», 2000.

Mia Couto (1955), Moçambique. Mia Couto é poeta, escritor, biólogo e foi jornalista durante os turbulentos anos da independência. Disse muitas vezes que o jornalismo lhe deu disciplina e que a biologia lhe mostrou “outras linguagens”. No seu primeiro romance, «Terra Sonâmbula» (1992), todos os personagens andam à deriva num Moçambique esventrado pela guerra civil, banhado em sangue e lágrimas. Ganhou o Prémio Camões de 2013.

ESQUECER

Esquecer. Sim, esquecer-me-ei de tudo.

Um após o outro. Os caminhos que percorri.

Os caminhos não percorridos. Tudo o que aconteceu.

E tudo o que não aconteceu.

Nada mais carregarei,

nem o passado silencioso, nem esse «eu»

que era mais belo e maior

do que alguma vez poderei ser.

Libertar-me-ei dos pesos

que tornam mais espessos os meus pensamentos e os meus olhos,

e deixarei que o meu coração veja o sol enquanto morre.

Que uma nova luz da manhã abra os meus olhos fechados.

Morte, és tu aqui? Bom Dia.

Ou deverei dizer Boas Trevas?

Vahan Tekeyan

Vahan Tekeyan (1878-1945), Arménia. Escritor e ativista arménio, escapou ao genocídio de um milhão e meio de arménios, em 1915, apenas porque se encontrava de viagem ao Egipto.